

# ARTESANATO NO MARANHÃO:

*Redes de produção, mercado e construção social de valor.*



Juliana da Cruz Costa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ARTESANATO NO MARANHÃO:**

**Redes de produção, mercado e construção social de valor.**

**JULIANA DA CRUZ COSTA**

**São Luís, MA**

**2016**

JULIANA DA CRUZ COSTA

**ARTESANATO NO MARANHÃO:**

**Redes de produção, mercado e construção social de valor.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Artigo científico, apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como critério para obtenção dos graus de Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo F. Keller

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Costa, Juliana da Cruz.

Artesanato no Maranhão: : redes de produção, mercado e construção social de valor / Juliana da Cruz Costa. - 2016.

51 f.

Orientador(a): Paulo Fernandes Keller.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2016.

1. Artesanato. 2. Cadeia de Valor. 3. Economia. 4. Maranhão. 5. Redes. I. Keller, Paulo Fernandes. II. Título.

## **ARTESANATO NO MARANHÃO:**

### **Redes de produção, mercado e construção social de valor.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Artigo científico, apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como critério para obtenção dos graus de Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Paulo Fernandes Keller (Orientador)  
Doutor em Ciências Humanas (Sociologia)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profª. Dra. Raquel Gomes Noronha  
Doutora em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Adalberto Luiz Rizzo de Oliveira  
Doutor em Antropologia Social  
Universidade Federal do Maranhão

*Para minha mãe (Mirian) e irmã (Elenita),  
pelo tempo que estiveram comigo. Ao seu  
apoio, dedicação e seu amor incondicional.*

*Minha eterna gratidão.*

## AGRADECIMENTOS

“Eu agradeço a Javé por sua justiça, e canto ao nome de Javé Altíssimo. (Salmos 4:17)

À Universidade Federal do Maranhão, pela oportunidade em ter estendido às portas da pesquisa, do ensino e da extensão, pelo universo acadêmico, pelas experiências vividas dentro e fora da sala de aula, pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

Ao curso de Ciências Sociais, por me proporcionar novos olhares sobre a realidade e maturidade, não apenas em termos acadêmicos, sobretudo, no âmbito pessoal.

Aos membros da banca examinadora, Profa. Raquel Noronha e Prof. Adalberto Rizzo, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

Em especial, ao Prof. Paulo F. Keller, pela orientação, apoio e confiança. Pela paciência, nos momentos mais críticos, pela atenção e acolhimento em todas as horas que precisei e que, muito contribuiu para tirar o melhor de mim. Este trabalho só foi possível devido à sua dedicação e empenho em ensinar.

A todo corpo docente do departamento de Sociologia e Antropologia e os demais (outros departamentos) sempre disponíveis e atenciosos nas disciplinas que colaboraram e contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico.

Ao Francisco Lima, meu agradecimento especial, pelo apoio, carinho e atenção dedicados em um dos momentos, e nos momentos mais difíceis e decisivos. Por nunca desistir de estar ao meu lado de alguma forma. Pela sabedoria, paciência, perseverança, fé e obediência a Adonai constante. Essa vitória também é sua!

Ao Arlindo Salazar, Caroline e João Victor, pelo apoio, carinho, acolhimento e dedicação. Sendo minhas referências de família (base), de vida, de nunca desistir dos meus sonhos, de perseverança, de objetivos, de foco e de fé.

À minha mãe Leuda, pelo acolhimento, pelo carinho e a disposição em estar comigo nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos, Julian, Neylla, Fernanda e Leyllane, pela força, carinho e atenção constantes.

Aos meus amigos, companheiros de curso em especial, que construíram comigo saberes e experiências, e que estiveram comigo do início até o fim: Eraldo, Eduardo, Valéria, Demerval e Francisco. Vocês foram mais que colegas de curso, foram irmãos de verdade!

A todos os colegas do curso com quem tive a oportunidade de conviver, e partilhar longas conversas e discussões sobre os conteúdos das disciplinas e outros assuntos.

Aos meus amigos, em especial, Fabíola e Família, Ítalo, Isaura, Luanne, que estiveram sempre comigo nos momentos mais difíceis ao longo desta caminhada.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, seja nos corredores da universidade ou na luta da vida cotidiana. O meu muito obrigado. Vocês são parte dessa realização!



*“A sociedade humana, em suma, deveria ser construída em torno do artesanato como a experiência central de um ser humano não alienado e a própria raiz do livre desenvolvimento humano. A maneira mais frutífera de definir o problema social é perguntar como semelhante sociedade pode ser construída. Pois o mais elevado ideal humano é: torna-se um bom artesão.”*

*(Charles Wright Mills)*

## **ARTESANATO NO MARANHÃO:**

### **Redes de produção, mercado e construção social de valor.**

#### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma investigação sociológica das redes de relações sociais de produção presentes na economia do artesanato como parte de uma cadeia de valor ou cadeia produtiva, ou seja, as relações que os artesãos e suas organizações estabelecem com o mercado capitalista. Este trabalho é resultado das reflexões surgidas ao longo de dois anos de pesquisa que se desenvolveu a partir de estudos de caso de grupos de produção artesanal no Maranhão. A pesquisa parte de questões centrais: Como se configura as relações mercantis dos grupos de produção artesanal? Quem controla ou coordena as relações comerciais nesta particular cadeia do artesanato? O artigo traz uma análise com base em estudos bibliográficos e revisão crítica da literatura sobre o tema em uma abordagem qualitativa: observação direta, entrevistas, levantamento de dados, documentais e visuais. Ao analisar os grupos de produção artesanal do Maranhão foi possível perceber a diversidade do artesanato no Maranhão e a sua dinâmica econômica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artesanato, Redes, Cadeia de valor, Economia, Maranhão.

# **HANDICRAFT IN MARANHÃO: PRODUCTION NETWORKS, MARKET AND SOCIAL CONSTRUCTION OF VALUE.**

## **ABSTRACT**

This article aims to present a sociological research about networks of social relations of production present in the handicraft economy as part of a value chain or productive chain, that is, the relationships that the artisans and their organizations have with the capitalist market. This work is the result of the reflections that emerged over two years of research that developed from the case study of artisanal production groups of Maranhão. The research start from central questions: How configures the market relations of craft production groups? Who controls or coordinates the trade relations in this particular handicraft chain? The article presents an analysis based on bibliographic study and critical review of the literature and on a qualitative approach: direct observation, interviews, collection of documentary and visual data. By analyzing the handicraft production groups of Maranhão it was possible to find the craft diversity in the Maranhão and its dynamic economic.

**KEY-WORDS:** Craft, Networks, Value chain, Economy, Maranhão.

## **LISTA DE SIGLAS**

CEPRAMA - Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IDAM - Instituto de Desenvolvimento do Artesanato Maranhense

MIDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

PAB - Programa de Artesanato Brasileiro

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SICAB - Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro

SMPE - Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa

UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento)

UNIDO - United Nations Industrial Development Organization (Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial)

## APRESENTAÇÃO

O artesanato atualmente no Brasil constitui a atividade cultural mais presente nas cidades, demonstrando assim um peso preponderante na economia local e regional. Assim como outros setores da economia, o artesanato, também sofre alterações e modificações ao longo do processo, que vai da criação pelo artesão até o consumo final, e tais mudanças se devem por diversos fatores entre eles o processo da cadeia produtiva e da mercadoria.

No Maranhão, a atividade artesanal também se apresenta de modo bastante diversificado, e pode-se perceber a dinâmica e a dimensão do trabalho artesanal no Maranhão. O presente artigo tem por objetivo apresentar o resultado de uma investigação teórica e empírica acerca das redes de relações sociais de produção e de comercialização na cadeia de valor do artesanato no Maranhão.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC (2012, p.12), “o artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural.” Podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. As matérias-primas utilizadas na produção podem ser naturais, semi-processadas, processadas industrialmente ou constituídas de materiais recicláveis.

A abordagem da análise de redes foi utilizada para se trabalhar a perspectiva do ator social, que possui determinadas posições em uma rede de interações onde se produzem as chamadas “teias de afiliações”. O estudo de redes permite detectar as relações formais e informais presente entre os atores em diversos níveis sociais, culturais, econômicos e políticos. Em nosso caso, as conexões entre os seguintes atores sociais: artesãos; associações e cooperativas; ONGs; comerciantes; agências de fomento; órgãos estatais. O artesão e suas organizações são parte de redes de relações que compõem a cadeia de valor ou cadeia produtiva do artesanato, que pode ser vista e percebida na interação destes artesãos e dos grupos, com os comerciantes, consumidores e agências de financiamento.

O conceito de cadeia de valor foi utilizado para nos ajudar a pensar como se estabelecem as redes articuladas às diversas cadeias. Segundo Abreu e Ramalho (2005)

análise de uma cadeia de produtos mostra como a produção, distribuição e consumo são moldados pelas relações sociais que por sua vez caracterizam os estágios sequenciais de aquisição de insumos, produção, distribuição, comercialização e consumo daquele bem.

Este trabalho irá apresentar os resultados das reflexões surgidas das atividades de revisão crítica da bibliografia e de pesquisa documental sobre o tema desenvolvido ao longo de dois anos de pesquisa, entrevista e observação direta que se deu a partir do estudo de caso de grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra localizado no bairro do Maracanã- São Luís e dos de produção artesanal que comercializam no CEPRAMA (Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão) localizado na Rua São Pantaleão, Bairro da Madre Deus na cidade de São Luís – Maranhão.

Estas reflexões surgidas das atividades de revisão bibliográfica e de pesquisa documental sobre o tema, e o trabalho de campo foram de suma importância e essenciais para se perceber a dimensão que envolve o trabalho artesão, em sua produção e para se entender a dinâmica da produção e da comercialização destes artesãos e grupos de produção artesanais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 REDES DE PRODUCAO, MERCADO E CONSTRUCAO SOCIAL DO VALOR DO ARTESANATO.....</b>	<b>17</b>
<b>2 A CONSTRUÇÃO DO VALOR.....</b>	<b>24</b>
<b>3 A PRODUÇÃO ARTESANAL EM SÃO LUIS DO MARANHÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>47</b>

# **ARTESANATO NO MARANHÃO: Redes de produção, mercado e construção social de valor<sup>1</sup>**

*Juliana da Cruz Costa<sup>2</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

O artigo tem por objetivo fazer a análise do trabalho artesanal no Maranhão, com o foco nas redes de produção e de mercado, das relações sociais de trabalho e na construção social de valor enraizadas na sociedade contemporânea.

Em particular, pretende-se desenvolver uma reflexão sobre a produção artesanal no Maranhão e suas redes de trabalho que estão presentes nas relações políticas, sociais e econômicas, redes de mercado e comercialização e seus impactos, e a construção social e de valor, que envolve aspectos culturais e tradicionais.

Deste modo, concebemos o artesanato como um fenômeno econômico, compondo a economia global e contemporânea. Assim, a cadeia do artesanato pode ser analisada como uma rede linear, que envolve diversos tipos de relações sociais, de cunho econômico, cultural e político. Contudo, indagamos: Como se configuram as relações de trabalho e mercantis dos grupos de produção artesanal? Quem controla ou coordena as relações comerciais (intermediários) nesta cadeia? Quais os impactos das relações de produção e de mercado?

Essa reflexão baseia-se no estudo de caso dos grupos de produção artesanal em São Luís, no Maranhão, ressaltando a lógica do trabalho artesanal, as redes de produção, social, política e econômica, e também suas especificidades como uma atividade que transmite aspectos identitários, culturais, criativos e artísticos

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2012, p. 12) “o artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultura”. Podendo, no processo de sua atividade, ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. As

---

<sup>1</sup>O presente artigo corresponde ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma produção científica acadêmica resultado de conhecimentos e habilidades adquiridos no curso de graduação, necessária para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil. Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC-CNPQ), cota 2012-2013/2013-2014. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Sociedade (GEPTS).



matérias-primas utilizadas na produção podem ser naturais, semi-processadas, processadas industrialmente ou constituídas de materiais recicláveis, PAB/MDIC (2012 p.18):

No artesanato, considera-se matéria-prima toda substância principal, de origem vegetal, animal ou mineral, utilizada na produção artesanal, que sofre tratamento e/ou transformação da natureza física ou química, resultando um bem de consumo. Ela pode ser utilizada em estado natural, depois de processadas artesanalmente/industrialmente ou serem decorrentes de processo de reciclagem/reutilização.

Abordagem da análise de redes foi utilizada para trabalhar a perspectiva do ator social que possui determinadas posições em uma rede de interações, na qual são produzidas as chamadas “teias de afiliações”. O estudo das redes permite detectar as relações formais e informais entre os atores em diversos níveis sociais, culturais, econômicos e políticos; em nosso caso, essas conexões ocorrem com artesãos, associações e cooperativas, ONGs, comerciantes, agências de fomento e órgãos estatais.

O conceito de cadeia de valor, que envolve o *design*-projeto, a manufatura-produção física, o marketing e o comércio-consumo, foi utilizado para ajudar a pensar como se estabelecem as redes articuladas às diversas cadeias. Estes aspectos e outros foram importantes para pensar e analisar a própria cadeia produtiva do artesanato. Como um elo de atividades, que vai desde a obtenção da matéria-prima, que pode ser diretamente da natureza ou comprada no mercado local/ mercado de produto industrial até o processo de trabalho, onde a artesã é a produtora, objeto (matéria prima), meios/técnicas (instrumentos e ferramentas) e o produto, e uma série de atividades econômicas diretamente interligadas, que se entende como produtos e serviços que adicionam valor.

Temos também o espaço no qual essa cadeia está inserida e as relações sociais e de poder nela estabelecidas, assim como outros agentes dentro e fora da cadeia. Deste modo, a cadeia do artesanato será analisada como uma rede linear, que envolve diversos tipos de relações sociais, de cunho econômico, cultural e político.

Também se utilizou de pesquisa documental, levantamento de dados quantitativos e qualitativos da economia do artesanato no Brasil e no Maranhão, em documentos de órgãos estatais, agências de fomento e demais organizações como o PAB (Programa do Artesanato Brasileiro) /MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio); MTE (Ministério do Trabalho e Emprego); e SEBRAE (Serviço de Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas). E a posteriori o tratamento, a classificação e a análise dos dados coletados.

Em nosso estudo, utilizamos como metodologia (Flick, 2009) a pesquisa qualitativa que se baseia nas perspectivas teóricas e instrumentais analíticas dos subcampos da Sociologia do trabalho e da Sociologia econômica dentro das seguintes temáticas: análise de redes sociais, abordagem da cadeia de valor; cadeia produtiva e cadeia de mercado e economia do artesanato.

Assim, a Sociologia do trabalho irá analisar, dentro da conjuntura do mercado de trabalho, as relações de trabalho, relações de poder, rede de relações sociais, políticas e econômicas estabelecidas na produção de trabalho. A Sociologia econômica tem o objetivo mostrar uma perspectiva teórica voltada à aplicação da sociologia na análise dos fenômenos econômicos. De modo a ressaltar as ações econômicas, referentes à produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços que estão delimitadas não apenas pela escassez dos recursos que as sustentam, mas igualmente por características da estrutura social e da estruturas de significados, social e culturalmente produzidas. (SMELSER; SWEDBERG, 2005).

Elegemos para a pesquisa o estudo de caso e a observação direta de dois *locus* de pesquisa. O trabalho de campo foi realizado com o grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra (Associação Buriti Arte), localizado no bairro do Maracanã, em São Luís, no Maranhão, e os grupos de produção artesanal que comercializam no CEPRAMA (Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão), localizado também em São Luís, mas no Centro da cidade.

A pesquisa de campo foi realizada com base na observação direta, associada a entrevistas semidirigidas (**Figura 1**) com os artesãos, e o levantamento de dados documentais e visuais junto a eles.

No grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra foram realizadas 8 visitas no período de setembro de 2012 a dezembro de 2012. As visitas se deram em um período distante uma das outras, pois o grupo se localiza na zona de perímetro urbano de São Luís, sendo a sede da associação situada em um ponto de difícil acesso a veículos. Todas as visitas realizadas durante este período foram agendadas previamente com as artesãs Zeca e Sandra, pois o horário de trabalho delas poderia sofrer alguma alteração por conta de eventos, feiras ou até mesmo encomendas, podendo assim não encontrá-las no local.

Neste período, também foram realizadas 4 entrevistas semidirigidas com as artesãs do grupo. É importante ressaltar que estas visitas se deram no local da produção, em algumas visitas foi possível ver e analisar as artesãs durante a produção, confeccionando bolsas, jogo

americano, estojos. Deste modo, foi possível conhecer o espaço onde produzem e se organizam.

Nos grupos de produção artesanal do CEPRAMA, foram realizadas 15 visitas durante o período de setembro de 2013 a março de 2014. As visitas no campo foram divididas em dois momentos. No primeiro, chamado de fase de reconhecimento do campo, houve a realização das primeiras visitas a grupos de produção que comercializam no CEPRAMA (São Luís). Já no segundo, ocorreu a aplicação de entrevistas semiestruturadas com as artesãs que comercializam no local.

O CEPRAMA possui 39 boxes, que são os pontos de venda de artesanato. Durante a fase de reconhecimento de campo foram realizadas 2 entrevistas semiestruturadas com a equipe diretora e técnica do CEPRAMA. E na segunda fase foram aplicados 29 questionários aos artesãos e comerciantes no CEPRAMA.

No caso do CEPRAMA, diferentemente do grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra, as visitas no campo ocorreram ao mesmo tempo no local de produção e de comercialização, pois a maior parte dos artesãos produz e vende no local do CEPRAMA.

## **1 REDES DE PRODUÇÃO, MERCADO E CONSTRUÇÃO SOCIAL DO VALOR DO ARTESANATO**

Para o autor Néstor García Canclini(1982), o artesanato é um modo de produção que, nas grandes cidades e metrópoles, há muito tempo foi substituídas pelas manufaturas e, em seguida, pelas fábricas. Hoje, o artesanato corresponde a uma parte significativa da economia mundial, pois, junto ao valor comercial, há um valor simbólico e, sobretudo, cultural, que pode ser compreendida como atividade moderna e contemporânea, como assinala Canclini (2008), onde aponta dados e também as causas referentes ao crescimento artesanal na América Latina:

Os estudos sobre artesanato mostram um crescimento do número de artesãos, do volume da produção e de seu peso quantitativo: um relatório da SELA calcula que os artesãos dos quatorze países latino-americanos analisados representam 6% da população geral e 18% da população economicamente ativa. Uma das principais explicações do incremento, dada tanto por autores da área andina quanto meso-americana, é que as deficiências da exploração agrária e o empobrecimento relativo dos produtos do campo impulsionaram muitos povos a procurar na venda do artesanato o aumento de sua renda [...]. O desemprego é outro dos motivos pelos quais está aumentando o trabalho artesanal, tanto no campo quanto nas cidades, deslocando para esse tipo de produção jovens procedentes de setores socioeconômicos que nunca trabalharam nesse ramo. (CANCLINI, 2008, pg.215)

Neste sentido, é importante destacar, as realidades sociais e econômicas do trabalho artesanal, que, apesar de ter seu caráter diverso e heterogêneo, tradicional e ao mesmo tempo contemporâneo, sofre na lógica do mercado capitalista. O trabalhador artesanal é contemporâneo e sua presença na sociedade se faz de modo particular. Trata-se não apenas de um meio de sobrevivência, mas uma atividade que demanda habilidades e capacidades específicas (KELLER, 2011).

Deste modo, o artesão é considerado um trabalhador individual<sup>3</sup>-autônomo. Seja no mundo urbano ou rural, caracterizado por viver na informalidade e por possuir uma natureza marginal e precária dentro da lógica capitalista. Assim, o trabalho artesanal se configura como um meio de sobrevivência ou seja uma economia substantiva (POLANYI,2012), inserido em uma larga competição global, produção em massa de produtos artesanais - industriano, e ao mesmo tempo sofre com as mudanças de tendências, da moda, do gosto, da estética, e também cultural.

Assim na sociedade contemporânea, o artesanato também sofre com as transformações e reconfigurações do trabalho, principalmente no que diz respeito à interferência de outros atores na produção artesanal. Diferentemente da dinâmica do trabalho industrial, o trabalho artesanal se apresenta ao mundo atual como uma forma de subsistência social, mas também de resistência cultural.

É importante ressaltar uma relativa carência de dados sobre o trabalho artesanal, e seus impactos no Brasil e no mundo. Dados do Relatório de Economia Criativa da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD (2010), apontam crescimento e mostram os impactos da atividade artesanal na economia global:

Em 2008, o comércio internacional de artesanato totalizou \$ 32 bilhões. O mercado global de artesanato está se expandindo, e claramente não é insignificante; as exportações mundiais cresceram 8,7% - de \$ 17,5 bilhões para \$ 32 bilhões – no período de 2002-2008 (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, 2010, p. 140).

Diante desta perspectiva, há uma necessidade de aprofundarmos alguns conceitos como a própria análise de rede e a cadeia de valor. A perspectiva de rede é utilizada neste

---

<sup>3</sup>LEI Nº 13.180, DE 22 DE OUTUBRO DE 2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Art. 1º Artesão é toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada.

trabalho para pensar primeiramente as redes de relações sociais presentes na produção artesanal, as quais possuem dimensões culturais, políticas e econômicas. A análise de redes pode ser entendida como uma análise complexa das interações entre os atores envolvidos, que podem ser pessoas, organizações, meio ambiente, a partir do instante em que haja algum tipo de troca entre eles, sendo tangíveis (bens, materiais) ou intangíveis (ideias, valores).

É importante ressaltar, pelo menos, dois tipos de rede de relações, que são as redes internas e externas. As redes internas são das artesãs com sua organização de trabalho e externas são destas organizações com mercado, as agências de fomento e organizações públicas e privadas.

O artesão e suas organizações são parte de uma rede de relações que compõem a cadeia de valor e, cadeia produtiva do artesanato, que pode ser vista e percebida na interação dos artesãos e dos grupos. Esta interação está presente do início ao fim da produção, ou seja, na relação das artesãs com os extrativistas, *designers*, comerciantes, consumidores e agências de financiamento. Segundo Abreu e Ramalho (2005):

A análise de uma cadeia de produtos mostra como a produção, distribuição e consumo são moldados pelas relações sociais que por sua vez caracterizam os estágios sequencias de aquisição de insumos, produção, distribuição, comercialização e consumo daquele bem. (Abreu; Ramalho, 2005, p. 111)

Para Manuel Castells (2000), “rede” é um conjunto de nós interconectados. A abordagem da análise de redes contribui para o estudo da cadeia produtiva do artesanato, no sentido de pensar os “nós” como pessoas, grupos e instituições, pelos quais cada um tem um papel e uma função importante. Ao longo da pesquisa buscou entender qual a função de cada nó e a relação entre eles, que ao final compõem a rede de produção.

Outro ponto importante, é que a rede está sempre se expandindo, com a possível abertura aos demais atores interagirem com ela. Com base nisso, as redes sociais não necessariamente têm um fim definido ou estático, pois as interações são dinâmicas. O que pode ocorrer é que em um determinado instante, imaginar-se que ela terá fim, mas essa análise ainda não visualizou sua possível expansão ou integração. Smith-Doer e Powell (2005) se destacam pelos vastos estudos de rede na sociologia econômica, e abordam como as redes influenciam a vida econômica:

A abordagem de rede investiga o padrão das relações nela mesma, as estruturas e os conteúdos das conexões (cooperação ou subordinação), além dos conteúdos mais amplos em sua inserção em ambientes políticos e institucionais. (POWELL; SMITH-DOER, 2005, p.42)

Um aspecto importante, ao estudar análise de redes é a relação de poder entre os atores sociais, onde o poder ganha forma de expressão em todo tipo de interação social, às vezes, caracterizado pela política, pelo aspecto econômico, ou pela forma política de se agir em um meio. Isso cria a necessidade da interpretação e concepção dos relacionamentos entre os atores na rede. O primeiro elemento na análise de rede é a noção de “nós”, ou pontos presentes na rede; os nós são os atores sociais que podem ser indivíduos ou organizações. O segundo elemento da análise é a posição que os nós ocupam nas redes e suas implicações. O terceiro elemento trata das relações (laços e conexões) entre os nós da rede, ou seja, as trocas de conteúdos no meio e o contexto das redes de relações.

A análise de redes ajuda a pensar como o artesão e suas organizações de trabalho se posicionam no ambiente sociocultural e, conseqüentemente, econômico, principalmente no que diz respeito à cadeia produtiva do artesanato. Nesta perspectiva, vale ressaltar como se caracteriza o conteúdo da rede que pode ser de solidariedade, de competição, de subordinação, de dependência ou interdependência. Em relação à estrutura das redes, que funcionam de forma dinâmica e não estática, ou seja, no artesanato a relação de produção se caracteriza como uma rede linear, mas que se entrecruza com outras redes e outros elementos ou atores.

Neste sentido, podemos observar que a cadeia produtiva do artesanato pode ser analisada como uma rede linear que envolve diversos tipos de relações sociais, de cunho econômico, cultural e político, na qual é possível ver a presença de diversos atores sociais, onde cada um possui uma posição na rede e conseqüentemente se relacionam entre si, por isso é possível constatar relações de poder na rede.

Assim, a Sociologia econômica tem como objetivo mostrar uma perspectiva teórica que se volta à aplicação da sociologia à análise dos fenômenos econômicos, de modo a ressaltar as ações econômicas, referentes à produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços, que estão delimitadas não apenas pela escassez dos recursos que as sustentam, mas igualmente por características da estrutura social e da estrutura de significados, social e culturalmente produzidas. (SMELSER; SWEDBERG, 2005).

O conceito de cadeia como “rede linear”, pode ser visto por diversas perspectivas, adquirindo assim, vários significados em relação a redes, cadeias, arranjos entre outros termos adquiridos por alguns autores. Segundo Paulo Fernandes Keller (2011)

Deste modo, podemos definir cadeia de valor como uma série de processos de trabalho e de produção de valor na qual bens e serviços são concebidos, produzidos e levados ao mercado, e este conjunto de processos e que adicionam valor ao produto ou serviço. (KELLER, 2011, p.68)

Para os autores Kaplinsky e Morris (2001), a ideia de cadeia de valor compreende a quatro nós: o primeiro nó seriam as atividades de projeto e de concepção do produto; o segundo nó, compreende as atividades de produção ou manufatura; e o terceiro nó aborda as atividades de comercialização e de marketing; o quarto nó está ligado ao consumo final. Assim, a produção ou manufatura se resume em apenas uma etapa dentro de um conjunto de atividades que dão origem a ideia de valor.

É primordial destacar a ideia de cadeia de valor ressaltando as relações sociais que são desenvolvidas a partir dela, relações socioeconômicas ou rede de relações sociais de produção e políticas entre diversos atores envolvidos. Cadeia de valor remete à ideia de relação técnica e monetária e também à relação social e política entre as diversas formas de trabalho e de produção. Deste modo, pode-se afirmar que os conceitos de cadeia de valor e redes estão diretamente ligados. O estudo da cadeia do produto artesanal é uma ferramenta analítica importante. (UNCTAD, 2008; UNIDO, 2002).

“A cadeia de valor do artesanato utiliza três etapas” (UNIDO, 2002, p.25). A primeira etapa da cadeia trata dos inputs (entradas), em que estão englobados os elementos pré-existentes (história, o patrimônio cultural, as tradições e matérias-primas), recursos humanos (criatividade) e tecnologia. A segunda etapa é o processo de transformação da matéria-prima. A terceira etapa é o marketing e mercado. **(Figura 2)**

Hoje o artesanato no Brasil constitui a atividade cultural mais presente nos municípios com 64,3%, seguida pela dança 56%, bandas 53% e a capoeira 49%<sup>4</sup>. Os dados mostram como o artesanato tem um peso preponderante na economia local e regional e que assim como outros setores da economia o artesanato também sofre alterações e modificações ao longo do processo que vai da criação pelo artesão e consumo final, e tais mudanças se devem por diversos fatores entre eles o processo da cadeia produtiva. (PORTA, 2008, p.3)

---

<sup>4</sup> Dados de Paula Porta, documento-Economia da Cultura, um setor estratégico para o país (2008).

Isso pode ser analisado, ao longo das pesquisas em campo, entrevistas e conversas informais com alguns artesãos. O saber artesanal é primordial durante toda o processo de produção; todavia o conhecimento das diversas etapas, que vai da confecção do produto até a comercialização, também são fundamentais. Segundo Keller, estes aspectos e outros definem a cadeia de produtiva e cadeia de valor do artesanato.

A cadeia de valor do produto artesanal envolve diversas atividades desde as de concepção ou de criação (artesão e *designer*), as de produção ou manufatura (extração da fibra; beneficiamento da fibra; tingimento da fibra; confecção – técnica de tricô, macramê, tear; costura e acabamento); até as de distribuição e de comercialização do produto final. (KELLER, 2006, p.68)

Deste modo, podemos definir a cadeia de valor como parte de um arranjo produtivo local<sup>5</sup>, no qual temos uma cadeia, que entendemos como uma rede linear, com os principais atores da rede (atravessadores, artesãos, mercado e consumidor), e outros atores e agentes econômicos interagindo e vinculados à rede, como ONGs, órgãos governamentais, agências de fomento e de políticas públicas, o mercado e sua interferências (a moda, *design* e turismo).

Por isso, é necessária a análise das redes da cadeia do artesanato, porque, além do artesão, outros profissionais também entram na produção direta ou indiretamente, como *designer* e outros atores, que interferem na lógica de produção, caracterizando assim uma rede multidimensional. A cadeia do artesanato está também conectada a outras cadeias de produção. Deste modo (SEBRAE, 2004), “o artesanato é um segmento intersetorial pela associação a diversas atividades econômicas, entre as quais o turismo, a moda, a arquitetura e a decoração, etc.”

Analisar o artesanato a partir da lógica dentro da economia local e global e ainda pensar nos atores envolvidos é fundamental para análise do problema. Também é importante questionar como cada um deles age, direta e indiretamente, sobre a produção e qual o tipo de relação que exerce sobre o artesão, e ainda pensar como as instituições, empresas e outros elementos ocupam lugar na cadeia.

Deste modo, a partir das definições apresentadas até agora sobre a análise da cadeia produtiva do artesanato. Na perspectiva de que esta se constitui a partir de uma série de atividades que estão interligadas desde o início da produção até a concepção do produto

---

<sup>5</sup>Arranjos Produtivos Locais (APLs) são aglomerações territoriais de empresas nas quais os agentes econômicos compartilham uma atividade econômica e se relacionam como atores sociais e políticos vinculados a esta atividade. Paulo Fernandes Keller et al., Dicionário de Trabalho e Tecnologia In: CATTANI, A.D & HOLZMANN, L. (orgs) Dicionário de Trabalho e Tecnologia. Porto Alegre, RS: ZOUK, 2011.pg.36



final, conseqüentemente sua distribuição e comercialização. Destacamos assim, as etapas que compõe esta cadeia que é muito ampla, e engloba diversos atores.

O conceito de cadeia de valor ajuda a pensarmos a posição dos artesãos, grupos, associações e cooperativas nas redes de relações econômicas e políticas ao longo da cadeia do produto artesanal, e também a posição destes atores na rede e as relações de poder ao longo da cadeia de valor do artesanato.

A primeira etapa da cadeia é o *design* - projeto e a criação; deve-se incluir esta etapa, pois na produção artesanal não está atrelado somente o saber do artesão, mas depende de uma rede de atores que interfere na cadeia, entre eles destacamos o SEBRAE<sup>6</sup>, cujo objetivo é apoiar o artesanato em diversos projetos, e instituições do governo, como o programa do PAB<sup>7</sup>. Todas essas instituições atuam, de certa forma, diretamente sobre artesanato no Brasil e no Maranhão.

Percebe-se que hoje uma boa parte dos artesãos brasileiros conhece e tem ciência de como estão cada vez mais vistos pelas instituições públicas e privadas. A maioria deles, por exemplo, cursou algum tipo capacitação, e uma parcela significativa dos que hoje atuam na área, nem sempre o foram. Porém, em algum momento da vida, eles tiveram a oportunidade de fazer parte de um curso de profissionalização.

No que diz respeito à criação ou concepção, o *design* tem um papel muito importante, pois para que uma peça artesanal seja comprada não precisa somente ter o valor cultural e tradicional atrelada a ela, mas também o elemento identidade. Esses elementos nos últimos anos têm agregado valor ao produto artesanal, principalmente depois da relação artesanato e *design*. “Aliar o artesanato e *design* é uma maneira de estabelecer diálogo com o mercado consumidor, além de unir tradição e contemporaneidade”. (SEBRAE,2008, p.32).

Outra etapa importante na cadeia de valor do artesanato é a produção, que pode ter várias formas de organização, associação, cooperativa, familiar entre outras. Entende-se que a produção artesanal não se limita apenas ao tipo de organização, mas o tratamento e a transformação da matéria prima coletada até o seu resultado que é produto final.

Para finalizar, temos a última etapa da cadeia produtiva do artesanato que é distribuição e de comercialização do produto final. Segundo o SEBRAE (2008, p.31), “a comercialização é um dos grandes desafios para o setor do artesanato. Para ter sucesso, além de um bom produto, é preciso ter uma estratégia de vendas bem planejada e elaborada.”

---

<sup>6</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Agência de fomento mista.

<sup>7</sup> Programa do Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Infelizmente, a maioria das artesãs não planeja as vendas dos seus produtos e, em virtude da precariedade das condições de vida das artesãs, acaba por ser vendido por preços irrisórios, abaixo do valor correspondente ao trabalho e ao custo da produção.

## **2 CONSTRUÇÃO DO VALOR**

Marx (1975) define trabalho em sentido abstrato como intercâmbio entre o homem e natureza por meio de dispêndio de energias físicas e mentais. No trabalho artesanal, o artesão tem domínio do processo de trabalho e assim pode exercer quase todas as funções que levam ao produto final. Ele pode transformar, por exemplo, a matéria-prima e utilizá-la para a confecção do produto.

Nessa perspectiva, temos o artesão como ator, já que, além dele ser um sujeito independente dentro da lógica capitalista, ele domina todo processo, não só do ponto de vista mecânico, mas também intelectual e criativo. No trabalho artesanal, o artesão consegue ter em mente todo o processo, desde a criação até o produto final, e ainda detém de todo processo criativo, podendo alterar sua criação para agregar arte e valor ao seu produto. Deste modo, são integradas suas habilidades criativas e manuais, ou seja, a capacidade de pensar, criar e projetar o objeto e conseqüentemente realizar tal objeto projetado. Mills (2009) ajuda a pensar a relação do artesão e seu trabalho.

Como trabalha livremente, o artesão é capaz de aprender com seu trabalho, de desenvolver bem como de usar suas capacidades. Seu trabalho é, então, para ele um meio de ser desenvolver a si mesmo como homem bem como de desenvolver sua habilidade [...]. A medida que confere ao trabalho a qualidade de sua própria mente e habilidade, está também desenvolvendo sua própria natureza; nesse sentido simples, vive no seu trabalho e através dele, e esse trabalho o manifesta e revela para o mundo. (MILLS, 2009, p.77-78)

Essas reflexões teóricas são necessárias para evidenciar que o trabalho artesão não é definido apenas como um trabalho manual, mas pela capacidade e habilidade da criação do artesão e principalmente de se identificar com o objeto a ser criado por ele, como analisa Mills. Deste modo, o trabalhador artesão não só vive do trabalho, mas através do trabalho estão impregnados sua própria identidade e sua identidade local.

No trabalho artesanal, além dos aspectos culturais, também são transmitidos aspectos identitários de cada artesão já que o processo de trabalho difere do processo industrial, logo aspectos pessoais subjetivos do produtor também estão inseridos na produção. Segundo

Ricardo Gomes Lima<sup>8</sup> (2011, p.191), “o artesão produz a partir de uma cultura, e o produto que faz o objeto artesanal, tem esse duplo caráter: é uma mercadoria por um lado, mas é também um produto cultural resultante do significado da vida daquela pessoa.”

É nesse aspecto que é importante ressaltar a ideia de identidade, pois o artesão não realiza somente a produção do objeto, mas também, a produção de cultura, estabelecendo assim um valor. Raquel Gomes Noronha<sup>9</sup> (2011) ressalta a valorização de identidades e produtos locais.

Pensamos a categoria valor como uma instância inerente ao artefato, que o substitui nos momentos de troca, econômicas ou simbólicas. Assim, o valor existe quando há possibilidade da permutabilidade, em que o artefato é imbuído por representações, de quem o produz e de quem o consome. Desta forma, entendemos o valor a partir da relação das artesãs com seus produtos, com os agentes que mediam as vendas, suas representações sobre custos de produção e manutenção dos espaços de trabalho e sobre o que identificam como qualidades e atributos do seu artesanato. (NORONHA, 2011, p. 99)

Um autor que ajudar a pensar a habilidade e o saber artesão é Richard Sennett, em sua obra *O artífice* (2009), onde explora as possibilidades do uso das habilidades artesanais e onde há, segundo ele, uma capacidade e uma vontade de fazer bem as coisas por si mesmo, enfatizando o uso das mãos e reabilitando as atividades artesanais, colocando-as no mesmo patamar das atividades intelectuais.

Sennett estabelece uma relação direta entre as habilidades do artífice (criação) e a esfera do desejo, argumentando que há permanentemente busca pela qualidade, um querer fazer bem o trabalho e concluindo que a motivação é mais importante que o talento, no tocante ao desenvolvimento das habilidades artesanais, Sennett (2009)

O diálogo com os materiais na habilidade artesanal dificilmente poderia ser mapeado através de testes de inteligência; a maioria das pessoas é capaz de raciocinar bem sobre suas sensações físicas. O artesanato expressa um grande paradoxo, na medida em que uma atividade altamente refinada e complexa surge de atos mentais simples como a especificação de fatos e seu posterior questionamento. (Sennett, 2009, p. 299)

---

<sup>8</sup> Ricardo Gomes Lima, professor adjunto do Instituto de Artes e do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ, e pesquisador do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN/MINC.

<sup>9</sup> Raquel Noronha é *designer* (ESDI-UERJ/2002), mestre e doutora em Antropologia (PPGSOC-UFMA/2008 e PPCIS/UERJ/2015). É professora do Departamento de Desenho e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em *Design* da UFMA.

Lima (2005), discute vários pontos relevantes sobre a produção artesanal e ressalta que o artesanato não é mera mercadoria. Para o autor, trata-se de um produto diferenciado por ter tanto uma dimensão econômica quanto uma dimensão cultural, pois é um produto que agrega valores culturais de uma comunidade ou região. Isso ocorre devido ao valor cultural e simbólico que artesanato adquire segundo a sua localidade, por transmitir a expressão de uma região. A definição de artesanato tradicional do Programa do Artesanato Brasileiro (2012) ajuda a compreender tal fato:

O artesanato tradicional compreende ao conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições e incorporados à vida cotidiana, sendo parte integrante e indissociável dos seus usos e costumes. A produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, possibilita e favorece a transferência de conhecimento de técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração (PAB, 2012, p.18)

O artesanato hoje é uma atividade contemporânea, pois o trabalho artesanal, não compreende somente um meio de sobrevivência, mas uma atividade não sendo considerada apenas manual, porém criativa. Isso agrega também muitos valores étnicos e culturais referentes às particularidades encontradas em cada região, a perspectiva do trabalhador artesão e as demandas do mercado e da modernidade, configurando artesanato como um fenômeno complexo, diverso e heterogêneo, que expressa valores tradicionais, culturais e também modernos e contemporâneos.

Além do valor cultural, o produto artesanal possui também memória de saberes tradicionais, que se perpetuam e se renovam na arte de fazer. Essa memória e esses saberes são constituídos a partir de elementos como a territorialidade, costumes e a própria tradição local.

Para Krucken, (2009, p. 17), “é necessário perceber as qualidades do contexto local - o território e a maneira como o produto é concebido e fabricado - para compreender as relações que se formam em torno da produção e consumo dos produtos.” Assim, o artesanato configura um trabalho que envolve arte e técnica e tem caráter material e imaterial, possuindo dupla dimensão econômica e cultural (Bourdieu, 2004).

Por se constituir uma identidade híbrida (Canclini, 2008), ou seja, apesar do seu caráter tradicional e também cultural, o artesanato possui ainda aspectos econômico e mercantil, uma vez que é um produto que atende ao consumidor e ao mercado nos níveis global e local:

Os produtos artesanais podem ser produzidos em massa como parte de uma estratégia turística; no entanto, o seu valor está na sua produção local ou em sua identificação local para os visitantes. A produção em massa de produtos artesanais para o turismo pode parecer uma contradição em termos, mas é uma realidade para muitas comunidades e oferece uma maneira para manter as qualificações criativas locais e para que os artesãos recebam uma renda sustentável. (UNCTAD, 2010, p.97)

E também atendendo ao mercado do turismo e do próprio comércio local:

Os produtos artesanais encontram-se na intersecção entre o turismo, o comércio e o desenvolvimento. Além disso, muitas vezes eles são produzidos e comercializados por meio da economia informal. Se forem utilizadas as medidas tradicionais da atividade econômica (baseada em produtos comerciais), as atividades artesanais podem ser relatadas incorretamente ou nem sequer relatadas. Esses problemas de relatórios prejudicam as iniciativas de implementação de políticas de apoio, proteção e beneficiamento do comércio de atividades artesanais. (UNCTAD, 2012, p. 98)

No Maranhão, a atividade artesanal se apresenta de modo bastante diversificado, podendo perceber sua dinâmica e a sua dimensão e como ele está inserido na economia local e nas relações sociais e econômicas das artesãs ao longo da cadeia de produção. O artesanato é uma cadeia específica para um produto de valor singular que conjuga diversos valores: social, cultural, simbólico, econômico e mercantil (Keller, 2011, p.34). Neste sentido, podemos destacar três agentes que interferem de modo direto na cadeia da produção artesanal: o turismo, o *design* e a intervenção de políticas governamentais de fomento.

A fascinação nostálgica pelo rústico e pelo natural é uma das motivações mais invocadas pelo turismo. Ainda que o sistema capitalista proponha homogeneidade urbana e o conforto tecnológico como modelo de vida, mesmo que o seu projeto básico seja apropriar-se da natureza e subordinar todas as formas de produção à economia mercantil, esta indústria multinacional que é o turismo necessita preservar as comunidades arcaicas como museu vivos. (CANCLINI, 1982, p. 66)

Comunidades arcaicas, a partir de Canclini (1982), podem ser entendidas como a cultura local, que engloba os saberes tradicionais, os quais expressam inúmeros significados de um povo. Canclini ainda chama o turismo de indústria multinacional. Neste sentido, podemos perceber o turismo como fator de interferência na lógica da cadeia produtiva do artesanato, sendo elemento de transformação, gerando um crescimento da produção voltada ao mercado local. Isto inclui feiras, eventos, pontos de comercialização, nos quais há um atrativo turístico muito intenso. Neste caso, o turismo acaba por modificar o trabalho das artesãs, pois elas acabam voltando suas peças para atingir os turistas e aumentar a venda no mercado local.

Segundo o documento *Artesanato: Um negócio genuinamente brasileiro*, SEBRAE (2008, p. 32), “aliar o artesanato e *design* é uma maneira de estabelecer diálogo com o mercado consumidor, além de unir tradição e contemporaneidade.” É possível perceber os elementos de interferência do *design* no artesanato, como por exemplo, a preocupação no acabamento das peças, preservando e mantendo nos produtos elementos de tradição, de identidade e da cultura local.

No caso a ser analisado do grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra, o apoio para a comercialização necessita de aperfeiçoamento dos produtos, criar novos e inserir e agregar técnicas do *design* com o objetivo de dar um melhor acabamento, agregando elementos da identidade cultural, mas também com o intuito de alcançar determinado consumidor local ou público turista.

### **3 A PRODUÇÃO ARTESANAL EM SÃO LUIS DO MARANHÃO**

Dados do SEBRAE (2007) estimam a existência de cerca de 50 mil famílias no Maranhão que têm o artesanato como sua principal fonte de renda. Hoje a atividade já é regulamentada<sup>10</sup>. No Estado do Maranhão, o artesanato é caracterizado por sua diversidade e também variedade de matéria-prima.

No Estado do Maranhão, a diversidade da produção artesanal pode ser encontrada nas bolsas e vestimentas feitas de couro, nos brinquedos feitos de madeira (MDF), nas biojóias (bijuterias feitas a partir de semente de plantas e árvores nativas), na pintura em azulejo, na renda de bilro, nos chapéus e nas toalhas feitas a fibra de buriti.

As observações feitas no campo ajudaram a perceber a dinâmica e a dimensão do trabalho artesanal no Maranhão e como ele está inserido em setores da economia local e nas relações sociais e econômicas das artesãs ao longo da cadeia produtiva com os diversos atores e atividades que compõem o arranjo produtivo local.

O trabalho no campo foi realizado no Grupo Artesanal Mulheres de Fibra localizada na Vila Primavera, Bairro do Maracanã em São Luís - MA, e também no CEPRAMA, pois achamos necessário ter uma visão ampla da cadeia do artesanato no Maranhão, já que no CEPRAMA há artesãos de todo o estado e que estão inseridos em vários contextos diferentes

---

<sup>10</sup>LEI Nº 13.180, DE 22 DE OUTUBRO DE 2015. Estabelece diretrizes para as políticas públicas de fomento à profissão, institui a carteira profissional para a categoria e autoriza o poder Executivo a dar apoio profissional aos artesãos.

A Associação Mulheres de Fibra foi criada em 2008, com cerca de 30 artesãs (**Figura 3**), pelo qual recebeu como nome inicial, Associação Buriti Arte. Porém, seu início ocorreu em 2002, através da ONG Visão Mundial (Igreja Batista).<sup>11</sup> Na época, as mulheres frequentavam a Igreja Batista. Foi a partir desse vínculo que as mulheres tiveram acesso à ONG, que percebeu que elas não tinham uma renda própria, nem um trabalho, sendo apenas dona de casa, dependendo exclusivamente dos seus maridos ou de outra renda, como costureira, empregada doméstica, entre outras. Foi então as mulheres participaram de cursos de capacitação e treinamento e resolveram se unir.

Segundo a artesã Maria José<sup>12</sup>, o segundo nome foi colocado após o grupo ter sido registrado e regulamentado<sup>13</sup>. Teve a participação de consultores do SEBRAE, que auxiliaram no nome e na produção artesanal. Ao todo são 15 artesãs, todas mulheres, apenas três delas são mães. A Associação Mulheres de Fibra tem sede própria, na qual as artesãs associadas pagam uma taxa de R\$ 2,00 para se manterem associadas. A maior parte das artesãs é oriunda do interior do estado e hoje residem em bairros vizinhos à sede, como Vila Primavera, Vila Sarney, Vila Industrial e Maracanã. A cerca da origem, e de como iniciaram o trabalho como artesãs:

Juliana Costa: A senhora nasceu aonde?

Maria José: Nasci no interior de Rosário.

Juliana Costa: E aqui em São Luís a senhora já mora há muito tempo?

Maria José: Há 26 anos vim do interior diretamente para cá (Vila Sarney Maranhão).

Juliana Costa: Há quanto tempo a senhora é artesã? O que motivou a senhora a entrar nesta atividade?

Maria José: Há mais de seis anos. Comecei a entrar nesta atividade com a ajuda do Marcelo, mas encontrei dificuldade no início (informação verbal).<sup>14</sup>

Juliana Costa: A senhora atua como artesã desde quando? Desde que idade?

Nilza Santos: Primeiro eu trabalhava no crochê, depois passei a trabalhar com a fibra e no artesanato desde 2003. Eu fiz primeiro um treinamento com o crochê com a Visão Mundial, depois trouxeram o Marcelo e a partir de 2004 começamos a trabalhar com o artesanato.

Juliana Costa: Então, a senhora teve contato com o artesanato só depois de 2000, e o artesanato de Buriti, quando a senhora aprendeu?

Nilza Santos: Na época que o Marcelo veio trabalhar com agente.

Juliana Costa: Então a senhora aprendeu foi com o Marcelo?

---

<sup>11</sup>A Visão Mundial é uma organização humanitária, líderes que contam com o apoio de aproximadamente quatro milhões de pessoas nos cinco continentes. São 60 anos servindo às crianças mais vulneráveis, com paixão e dedicação - Definição retirada do site <http://www.visaomundial.org.br/>.

<sup>12</sup>Artesã associada ao grupo Mulheres de fibra, Entrevista realizada dia 09 de Outubro de 2012, Na sede do grupo artesanal (26m 13s).

<sup>13</sup> A associação foi registrada e regulamentada em 2008.

<sup>14</sup> Entrevista realizada dia 09 de Outubro de 2012, com a artesã Maria José, na sede do grupo artesanal Mulheres de Fibra (26m 13s).

-Sim, o Marcelo foi nosso instrutor desde começo, desde a Visão Mundial (informação verbal).<sup>15</sup>

Juliana Costa: Onde Nasceu?

Iranilde Martins: Miranda do Norte – Maranhão. Moro em São Luís desde dois anos de idade.

Juliana Costa: Desde quando é artesã? Como aprendeu o ofício?

Iranilde Martins: Sete anos atrás, através de uma entidade não governamental e também aprendi com o grupo Mulheres de Fibra, há aproximadamente dois anos participo do grupo, desde 2009.

Juliana Costa: Essa sua atividade de artesão é a principal?

Iranilde Martins: É sim, porque de segunda a sexta estamos aqui (sede do grupo), mas nós somos donas de casa também.

Juliana Costa: Como a senhora aprendeu o ofício?

Iranilde Martins: Foi pelo Marcelo, primeiro com ele e depois com as mulheres do grupo (informação verbal).<sup>16</sup>

A Associação Mulheres de Fibra utiliza como principal matéria-prima a fibra do Buriti (**Figura 4**), mas também usa outros elementos naturais para o tingimento da fibra como, por exemplo, semente de urucum. Elas também fazem o uso da borra, pois o valor da fibra no mercado é muito alto, devido à dificuldade de extração *in natura*, sendo esse fator um dos grandes entraves para a produção. Nessa atividade, não são elas que realizam, mas adquirem matéria-prima a fibra (borra) com vendedores do grupo de produção Grupo Artesanal Rio Grande, do próprio Maracanã, que geralmente trazem do interior do estado e também no mercado informal. Sobre a matéria-prima e a dificuldade de obtenção e o tingimento da fibra:

Juliana Costa: E a matéria-prima, onde a senhora compra?

Nilza Santos: A gente compra no Grupo Artesanal Rio Grande; eles também trabalham com a fibra.

Juliana Costa: Então vocês compram a borra/fibra por quanto?

Nilza Santos: 5,00 reais o quilo.

Juliana Costa: Qual a principal dificuldade que o grupo enfrenta?

Nilza Santos: É a matéria-prima, porque é distante o local para comprar (informação verbal).

Juliana Costa: E a matéria-prima? A senhora compra também?

Maria José: A associação compra com o dinheiro de todo mundo.

Juliana Costa: Quem vai buscar essa matéria-prima?

Maria José: Nós mesmos, vamos de ônibus, quando a gente vamos de muito também.

Juliana Costa: Como vocês fazem o tingimento da fibra?

Maria José: Utilizamos o tingimento artificial com anilina mas também tingimos com casca de manga, casca de caju, andiroba, tiqui, cariri, salsa e urucum (informação verbal)

---

<sup>15</sup> Entrevista realizada dia 22 de Setembro de 2012, com a artesã Nilza Santos, na sede do grupo artesanal Mulheres de Fibra (20m 9 s).

<sup>16</sup> Entrevista realizada dia 04 de Outubro de 2012, com a artesã Iranilde Martins, na sede do grupo artesanal Mulheres de Fibra (05m 12s).



Em relação à capacitação e ao ofício de artesão, a maior parte delas não tinha conhecimento da atividade antes de entrarem na associação, sendo que a maioria possui pouca escolaridade. Os primeiros treinamentos e cursos foram desenvolvidos pela ONG Visão Mundial; depois com cursos de capacitação oferecidos pelo SEBRAE e com o auxílio direto do *designer* Marcelo Medeiros<sup>17</sup>, que presta serviços como consultor e *designer* de produtos artesanais e ajudou na elaboração da nova marca (logotipo) para o grupo.

Como associação é relativamente recente, as mulheres utilizam o artesanato como auxílio à renda familiar, por isso, resolveram criar um espaço, segundo elas, com muita dificuldade de custo para formalizar a sede na qual trabalham de forma coletiva. Uma das maiores dificuldades é a ajuda de custo para comprar instrumentos de trabalho, que, segundo elas, facilitariam bastante a produção, pois há técnicas feitas à mão que demoram o dobro do tempo, se fossem trocados por instrumentos haveria rapidez da entrega de encomendas.

As artesãs, hoje, têm como desafio diversificar os produtos, trabalhar em busca de um maior reconhecimento e retorno do público local, que, segundo elas, pouco reconhecem o trabalho. Em geral, pessoas de outros estados e turistas que apreciam as peças, deste modo destaca-se a relação direta do turismo com o artesanato.

Mas, segundo Iranilde Martins, (**Figura 5**),<sup>18</sup> a maior dificuldade que elas encontram ainda é o mercado, mesmo sendo a maior parte vindo do turismo, no que diz respeito ao gosto e a estética dos produtos do público. Pois apesar do produto ter um valor cultural e identitário, para a venda ser de fato concretizada há preocupação do artesão em também se adequar às tendências e aos gostos do público. Algo que já assinalava o (SEBRAE, 2008) no sentido do maior desafio do artesanato, sem dúvida, ser mercado. Não adianta criar uma peça bem elaborada e depois não ser vendida. De fato, isso é uma das grandes preocupações de muitos artesãos, que acabam por perder muitas vezes o caráter tradicional e incorporar técnicas e fazeres que modifiquem sua produção.

Além da questão do público consumidor, a adequação do gosto, há outros entraves, como os períodos de baixa de venda e produção<sup>19</sup> e também os agentes externos como comerciantes e atravessadores. Muitas das vezes o produto, apesar de já sair da associação

---

<sup>17</sup> *Designer/Consultor em Desenvolvimento de Produtos Artesanais-SEBRAE.*

<sup>18</sup> Artesã associada do Grupo Artesanal Mulheres de Fibra. Entrevista realizada dia 09 de Outubro de 2012, Na sede do grupo artesanal (35m 12s).

<sup>19</sup> Os períodos de baixa na venda, e consequentemente na produção, se dão geralmente no período de baixa do turismo no Estado.

com um preço estipulado<sup>20</sup>, é vendido por outro valor, e o trabalho e tempo inseridos na peça são de certa forma perdidos.

Deste modo, o mercado do turismo acaba sendo a maior fonte de renda das artesãs, que semanalmente enviam suas mercadorias a Alcântara, município do Maranhão que fica 70 km de São Luís e para o IDAM<sup>21</sup>, onde ficam para comercialização e venda para os turistas que visitam o Centro Histórico e Urbano de São Luís, além de feiras, exposições. No que diz respeito à comercialização e ao lucro, a maior parte vem do mercado do turismo no Estado.

Em relação à produção, a jornada de trabalho das artesãs é diária, no período da tarde das 13:00 horas às 17:00, contabilizando 20 horas semanais. No período da manhã estão, na maioria das vezes, em casa, nos afazeres domésticos ou em outra atividade. Em períodos de grande produção, como a alta nas vendas, encomendas ou irão participar de algum evento, elas chegam a trabalhar cerca de 10 horas por dia, dividindo e revezando as tarefas entre si.

Com o entrave das vendas e da comercialização, principalmente em períodos de baixa, as artesãs da associação Mulheres de Fibra acabam, por exemplo, faturando por mês quase menos de um salário mínimo. Sendo que a renda mensal quase não oscila, ficando em média menor que um salário mínimo.

Juliana Costa: Esta atividade (artesanato) chega ser a metade de sua renda?

Iranilde Martins: Não, quando temos encomenda recebemos um pouco a mais cerca de R\$ 300,00 a R\$ 400,00 reais, mas quando não temos recebemos pouco (informação verbal).

Juliana Costa: E quanto a senhora está conseguindo tirar? Eu sei que muda muito de um mês para o outro.

Maria José: Olha esse mês de maio, o dinheiro que eu tirei aqui foi 70 reais, mas tem mês que cai e outros meses que são melhores (informação verbal).

Juliana Costa: E quanto à senhora consegue tirar por mês aqui em média?

Nilza Santos: Eu não sei, porque também vendemos em Alcântara, então às vezes 30,40 reais.

Juliana Costa: Mas a senhora não consegue tirar um salário mínimo ou a metade? A senhora não tem uma média?

Nilza Santos: Não, mas já teve artesã que conseguiu tirar um tanto bem bom.

Juliana Costa: Qual foi o máximo que a senhora já tirou aqui? (informação verbal).

Nilza Santos: Foi em uma feira que teve em Belo Horizonte, foram quase 200,00 reais.

---

<sup>20</sup>O preço é estipulado, conforme a tempo gasto, ou seja, o tempo para ser produzido e a quantidade de fibra(borra) utilizada para a confecção. Segundo a artesã Maria José, por exemplo: em 20h semanais ela produz um porta-moedas por dia, e vende por R\$7,00. Já uma bolsa sai em média 80 reais, pois leva aproximadamente uma semana para ser pronta, e a um gasto maior de fibra.

<sup>21</sup> Instituto de Desenvolvimento do Artesanato Maranhense. É uma ONG criada no ano 2000 e tem como principal objetivo promover o artesanato sustentável do Maranhão por meio da organização do segmento, capacitação do artesão, comercialização de produtos, estimulando políticas públicas e gerando emprego e renda. - Definição tirada do site: <http://idam-artesanato.blogspot.com.br/>

Juliana Costa: E o valor menor?  
Às vezes 30, 25, não tem valor certo (informação verbal).

Outro fator preponderante é sobre seus benefícios junto ao INSS<sup>22</sup>. Hoje a profissão de artesão é regulamentada, exigindo do trabalhador a identificação da Carteira Nacional do Artesão<sup>23</sup>, que só pode ser renovada e ter direitos a previdência social se contribuir. No caso das artesãs nenhuma das entrevistadas contribuíram para a previdência, ou seja, seus direitos de certa forma não são garantidos.

Neste caso, há um grande dilema por parte do trabalhador artesão como podemos perceber ao analisar o grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra. A regulamentação do artesão traz alguns benefícios como dispõe a lei, porém o artesão ainda sofre com problemas da informalidade, da precariedade, do trabalho quase exclusivo feminino e sofre com a lógica do mercado atual e competitivo, tendo que adequar seu trabalho para satisfazer alguns nichos do mercado. A própria dinâmica de comercialização, onde o domínio dos comerciantes “atravessadores”, faz frente ao seu trabalho, tornando-o cada vez mais fragmentado e desigual. .

Em contrapartida, temos ainda a ação de outros agentes internos da cadeia como o *design*, ator importante para as novas reconfigurações do trabalho artesão, que surge a partir do contexto das políticas de fomento do artesanato. É importante ressaltar a fala das artesãs do grupo Mulheres de Fibra, nas quais percebemos a importância e forte presença do profissional do *design* para formação do grupo, e também para inserção do trabalho no mercado.

Juliana Costa: E a sua relação com o *design*?

Iranilde Martins: O Marcelo ajuda na confecção e criação das peças ele da ideia, de certa forma aprendemos muito com ele, ele geralmente traz o desenho e a gente tenta fazer (informação verbal)

Juliana Costa: Como a senhora avalia essa troca de experiência com o *design* no caso o Marcelo?

Maria José: A gente aprende muita coisa com ele, a gente era muito dependente, depois que aprendemos com ele nos tornamos mais independentes (informação verbal)

Juliana Costa: Quem que está apoiando vocês?

Nilza Santos: O Marcelo pelo SEBRAE é o principal apoio,

Juliana Costa: Mas tem outros? Uma outra entidade?

Nilza Santos: Não, só ele no momento.

Juliana Costa: O que precisaria hoje para o grupo se desenvolver mais?

---

<sup>22</sup> Instituto Nacional de Seguridade Social.

<sup>23</sup> LEI Nº 13.180, DE 22 DE OUTUBRO DE 2015. Art. 3º O artesão será identificado pela Carteira Nacional do Artesão, válida em todo o território nacional por, no mínimo, um ano, a qual somente será renovada com a comprovação das contribuições sociais vertidas para a Previdência Social, na forma do regulamento.

Nilza Santos: Eu acho que era vender mais, a saída dos produtos (informação verbal).

Sobre as dificuldades dentro do artesanato e no grupo:

Juliana Costa: Quais as dificuldades dentro do artesanato?

Iranilde Martins: A gente não tem tanta dificuldade para conseguir a matéria prima, porque hoje utilizamos mais a borra do que as fibras antes compravam a borra e a fibra do artesanato do Rio Grande, mas a maior dificuldade é a comercialização, porque o SEBRAE não cobre tudo (informação verbal).

E os agentes externos como as ações de intervenção de agências e políticas governamentais, que segundo (Scrase, 2003):

As intervenções governamentais falham nos seguintes aspectos: em reconhecer e promover as necessidades dos trabalhadores do artesanato; em reconhecer os saberes locais; ao reproduzirem as políticas top-down; e ao instaurarem um processo seletivo (apoio a uns e abandono a outros). (Scrase, 2003, p.455)

No caso dos grupos de produção artesanal que comercializam no CEPRAMA, algumas questões foram levantadas antes de iniciar o trabalho no campo. Assim indagamos: Como se configuram as relações de trabalho e mercantis dos grupos de produção artesanal? Quem controla ou coordena as relações comerciais (intermediários) nesta cadeia? Quais os impactos das relações de produção e de mercado?

O CEPRAMA, (**Figura 6**) se localiza na Rua São Pantaleão, 1232 - Madre Deus, na cidade de São Luís, no Maranhão. Hoje, funciona como um órgão do Estado. Segundo a Secretaria de Cultura do Maranhão, o objetivo é divulgar a cultura e o artesanato da região e está vinculado também à Secretaria de Turismo do Estado. Em 1983, no antigo prédio funcionava a Companhia de Fiação e Tecidos de Cânhamo – CÂNHAMO, que operava com equipamentos importados, principalmente máquinas de engrenagem pesadas<sup>24</sup>.

Deste modo, o trabalho de campo no segundo momento, no estudo de caso do CEPRAMA, foi realizado em duas etapas: a primeira, a fase de reconhecimento do campo, realização das primeiras visitas aos artesãos e grupos de produção que comercializam no CEPRAMA, e, a segunda etapa, a realização de entrevistas semiestruturadas com os artesãos e os grupos.

Na primeira etapa, foi realizado o reconhecimento do campo, que consistiu em duas importantes entrevistas para entender como uma instituição como CEPRAMA, vinculada ao Governo Estado do Maranhão, administra e coordena o setor artesanal no Estado.

---

<sup>24</sup> Informações e Dados Obtidos no CEPRAMA (2013)

As entrevistas realizada com a supervisora e coordenadora, Fátima Moucherek<sup>25</sup>, e a técnica responsável pelo cadastro e obtenção da carteira do artesão, Gloria Fontenele, foram relevantes para pesquisa, pois foi possível obter alguns dados importantes para entender a dinâmica e a lógica do trabalho artesanal no Maranhão; porém, em relação ao números e dados quantitativos, não foi possível adquirir, pois o CEPRAMA não possui dados, apenas o SICAB (Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro).

Um dado relevante foi à respeito do processo de emissão da Carteira Nacional do Artesão, que é realizada pela Secretária da Micro e Pequena Empresa (SMPE), órgão administrado pelo Programa do Artesanato Brasileiro (PAB). A carteira é gratuita, emitida após o registro do artesão no SICAB, onde para a confirmação do registro, o artesão terá que passar por uma prova de habilidades técnicas, cuja aprovação é da Coordenação Estadual de Artesanato e hoje o CEPRAMA funciona como a Coordenação Estadual do Artesanato no Maranhão. Segundo PAB, em relação à Carteira Nacional do Artesão e ao Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro – SICAB<sup>26</sup>:

O Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB) foi desenvolvido com o propósito de prover informações necessárias à implantação de políticas públicas para o setor artesanal. A finalidade do sistema é possibilitar o cadastro único dos artesãos do Brasil de modo a unificar as informações em âmbito nacional, oferecendo uma base de dados ao PAB [...] Cabe ressaltar que a Carteira Nacional do Artesão ou do Trabalhador Manual, instituída pela Portaria nº14 – SCS, de 16 de Abril de 2012, Seção I, Páginas 51 e 52, é um importante instrumento que permite o acesso dos trabalhadores artesãos a cursos de capacitação, feiras e eventos apoiados pelo Programa do Artesanato Brasileiro PAB.<sup>27</sup>

Segundo Moucherek, o cadastro ainda está em andamento, ou seja, há muitos artesãos que ainda não foram cadastrados como profissional do artesanato. O cadastramento é realizado pelo PAB-SMPE (Secretaria da Micro e Pequena Empresa). Este fato é muito importante, pois o artesão acaba por passar por uma informalidade e desvalorização do seu saber e ofício. Levando em consideração isso, fica muito difícil levantar dados sobre a quantidade precisa de artesãos, associações e cooperativas de artesanato do Maranhão, pois muitos ainda se encontram na informalidade; o que se sabe é que poucos possuem a carteira.

---

<sup>25</sup> Entrevista realizada dia 20 de Novembro de 2013, (1h 30m 15s).

<sup>26</sup> Dados retirados do Site da Secretária da Micro e Pequena Empresa (SMPE). Acesso em: 03/06/2014 <http://smpe.gov.br/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>

No CEPRAMA, há grupos de produção artesanal, associações, núcleos de produção familiar e artesãos individuais que começaram a se instalar aos poucos e hoje ocupam 39 boxes, que são pontos de venda de comercialização. Todos são cadastrados pelo SICAB, onde a variedade de artesanato é muito grande, que vai além da fibra de buriti.

A Carteira Nacional do Artesão, que é requisito principal para identificar o profissional, traz de imediato alguns benefícios para o artesão: além do registro no SICAB, há a possibilidade de participação em feiras de artesanato nacionais e internacionais, em oficinas e cursos de artesanato e, em alguns Estados, o acesso a incentivos fiscais.

Ainda segundo Fátima Moucherek, o cadastro e a emissão da Carteira Nacional do Artesão já dura aproximadamente 15 anos, pois o Maranhão hoje é um dos últimos estados a emitir a carteira, o que houve recentemente foi a chegada da máquina para emitir os documentos. Segundo Fátima, já foram cadastrados, entre 2013 e 2014, cerca de 590 artesãos. A carteira ainda não tem uma data de validade precisa, mas segundo Moucherek e a Coordenação Estadual do Artesanato terá uma validade de dois anos.

A entrevista realizada com a técnica Glória Fontenelle<sup>28</sup> foi mais direcionada ao processo do cadastro e da retirada da carteira do artesão, pois ela é a pessoa responsável pela entrevista e identificação do artesão. Fontenelle apresentou e esclareceu alguns dados importantes. Hoje o PAB é um programa não mais administrado pelo MDIC, mas pela SMPE<sup>29</sup>, ou seja, é um dado bastante recente, de 2013<sup>30</sup>:

Nos termos do Decreto nº 8.001, de 10 de maio de 2013, o desenvolvimento de políticas públicas de apoio ao artesanato passou a ser competência da Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República, criada pela Lei 12.792, de 28 de março de 2013[...] Por meio da Portaria nº 38, de 1º de agosto de 2013, O Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) passou a ser gerido pelo Núcleo de Apoio ao Artesanato, compondo a estrutura da Secretaria de Competitividade e Gestão (SECOMP) da Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República (SMPE/PR).

Segundo Fontenelle, hoje a carteira do artesão é importante para o envio de mercadorias e comercialização em feiras fora do estado, pois permite a emissão de nota fiscal, isentando o artesão de pagar impostos sobre a venda e a circulação de suas mercadorias, mudando a forma de comercialização do produto artesanal, que era informal. Assim o artesão, ao chegar ao CEPRAMA, precisa apresentar-se, segundo Fontenelle, o

---

<sup>28</sup> Entrevista realizada dia 28 de Novembro de 2013 (05m 15s)

<sup>29</sup> Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República.

<sup>30</sup> LEI Nº 12.792, DE 28 DE MARÇO DE 2013.

cadastro e geração do número do SICAB, é que permitirá a retirada da carteira que, segundo a Portaria nº 29 – SCS, de 05 de outubro de 2010,<sup>31</sup> estabelece o profissional como artesão ou trabalhador manual.

Segundo Fontenelle, “Artesanato é todo o trabalho feito com a matéria-prima regional que tenha pelos menos 80% ou 90% da habilidade manual, como aquela matéria-prima regional ou que tenha uma referência cultural de um povo” e acrescenta ainda, “Artesão é aquele que se identifica com a matéria-prima e a cultura de um povo”.

Durante o cadastro para obtenção da carteira do artesão, é identificado pela equipe técnica da Coordenação Estadual de Artesanato há quanto tempo ele desenvolve seu trabalho e seu produto é classificado segundo a origem<sup>32</sup>. Para Fontenelle, a carteira do artesão identifica o profissional, seu trabalho e seu produto, para que não ocorram vendas de forma ilegal.

Na segunda etapa, foram desenvolvidas entrevistas com os artesãos e os grupos de produção artesanal que comercializam no CEPRAMA. Foi identificado que a maior parte deles já desenvolve o trabalho artesanal há algum tempo e a maioria são artesãos individuais. É notório perceber que a maioria deles realiza a sua produção no ambiente da venda. Em alguns boxes foi possível ver também a presença de comerciantes (pessoa responsável por vender as peças).

Além de produzirem no local da venda, os artesãos, alguns deles possuem uma oficina, ateliê, própria residência ou em local estabelecido. Mas existem casos como da artesã Lúcia Franco (**Figura 8**) que confecciona suas peças com base em sementes (biojóias) somente no local da venda. Segundo ela, como se trata de uma matéria-prima de fácil manuseio, ela prefere produzir suas peças no local de venda, por isso, não há a necessidade de possuir um comerciante.

A respeito da matéria-prima, no CEPRAMA é possível perceber através dos produtos comercializados uma variedade de matéria-prima grande e diversificada, destacando a fibra e madeira de buriti, azulejo, madeira, sementes *in natura*, bordados, entre outros. A maior parte deles comercializam seus produtos não só no CEPRAMA, mas em feiras locais no interior do Maranhão e fora do Estado.

---

<sup>31</sup> Normas da Base conceitual do Artesanato Brasileiro, PAB (2012).

<sup>32</sup> Classificação do Artesanato, segundo a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro, o artesanato se classifica como: Artesanato Indígena, Artesanato de Reciclagem, Artesanato de Referência Cultural, Artesanato Contemporâneo-Conceitual. (2013, p. 28-29).

Também apresentam seus produtos na Praia Grande, no Centro Histórico de São Luís, e em eventos no exterior, como no caso do artesão Luiz Gonzaga, cuja matéria-prima de trabalho é o talo de buriti, que, no momento da entrevista, estava instalado há uma semana no CEPRAMA, tendo vindo de Teresina, Piauí, para comercializar seus produtos no Maranhão.

Em relação ao local no qual os artesãos obtêm suas matérias-primas, a maior parte deles informou que adquirem seus materiais em São Luís. No caso do artesanato, a base de fibra de buriti, esta é adquirida no interior do Estado, especialmente Barreirinhas.

Sobre a renda média obtida na produção artesanal, poucos souberam responder ao questionados sobre o porquê da falta de informação. A maioria disse que era muito difícil informar a renda devido ao fato de haver períodos de alta e baixa nas vendas, onde oscila a renda, logo há mês que é possível vender muito, já outros quase nada.

Em relação ao cadastro e à obtenção da carteira do artesão, todos os artesãos que foram entrevistados já possuem cadastro, porém nenhum deles ainda adquiriu a carteira. Ao questionar o porquê do motivo, a maior parte respondeu que estão aguardando há algum tempo, mas que já possuem o cadastro e número do SICAB.

Quando questionados como eles analisam o cadastro e a obtenção da carteira, a maior parte respondeu que via o fato de ter carteira como algo positivo, mas que até o momento não percebeu muitas mudanças no que diz respeito a grandes benefícios. Nenhum deles encontrou dificuldades para se cadastrar e a maior parte deles respondeu, quando questionados sobre o fato de haver alguma mudança após ter a carteira na sua produção e venda, que nada mudou na produção, mas sim na comercialização, já que a partir do momento que eles possuem o cadastro e carteira podem comercializar seus produtos em todo o Brasil.

Então é possível perceber que as relações de comercialização no CEPRAMA seguem, de certa forma, os parâmetros estabelecidos pela instituição, onde todos os artesãos que comercializam seus produtos possuem um cadastro, não só no SICAB, mas no próprio banco de bancos do CEPRAMA. No que diz respeito à carteira, percebemos, ao conversar com os artesãos, que facilitou bastante a comercialização fora do Maranhão, mas que não houve muitos benefícios até então.



Ao analisar os estudos de caso: Grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra e CEPRAMA, segundo os instrumentais analíticos e os conceitos utilizado com base a referência bibliográfica e a metodologia escolhida, alguns aspectos são de suma importância.

Na perspectiva de rede, é importante se pensar primeiramente as redes de relações sociais presentes na produção artesanal, as quais possuem dimensões culturais, políticas e econômicas. É importante ressaltar, pelo menos, dois tipos de rede de relações: as internas e externas. As redes internas são das artesãs com sua organização de trabalho e externas são das organizações com mercado, as agências de fomento e organizações públicas e privadas.

No caso do grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra, as redes internas são constituídas pelos atores, como o detentores da matéria-prima. Neste caso a borra(fibra) que elas adquirem por meio de outro grupo de produção artesanal (Rio Grande). O comerciante (atravessadores), que recebe as mercadorias e as coloca à venda, estipulando preços subavaliados, ou seja, não justos, lucrando com os produtos e gerando prejuízo e desvalorização do produto artesanal.

O *design*, que entra na dinâmica do artesanato como elemento de inserção de novas ideias, gera aceitação dos artesãos a novidades conceituais técnicas e estéticas, a fim de alcançar a valorização do produto artesanal. A presença do *design* neste contexto serve não só como elemento de interferência, mas também de complementação e troca de saberes, técnicas e experiências. No caso do grupo Mulheres de Fibra, a intervenção do *design* se deu além disso, pois participa de todo o processo, desde da criação da associação, capacitação, produção até a inserção dos produtos no mercado.

O turismo, como agente do mercado, estabelece intervenção não só como sendo o mercado do público-consumidor da maioria dos produtos artesanais, mas também é um elemento modificador do trabalho das artesãs, pois, para alcançar a maior venda no mercado local, elas acabam voltando suas peças para atingir os turistas.

Esta modificação, ou interferência, acaba sendo um fato de maior dificuldade, porque diz respeito ao gosto, estética dos produtos do público. Assim, apesar da peça ter um valor cultural e identitário, para a venda ser de fato concretizada, há uma preocupação do artesão em se adequar às tendências e aos gostos do público.

Outro aspecto diz respeito à contribuição para previdência. No caso do grupo Mulheres de Fibra, nenhuma das artesãs contribui para Previdência Social. O artesão é considerado

trabalho autônomo, ou seja, ele próprio precisa contribuir individualmente para INSS. O fato de possuir a carteira, atendendo à exigência da lei como requisito, não garante a aposentadoria.

No caso do CEPRAMA, os artesãos e grupos de produção possuem uma rede interna que permite uma série de relações, como por exemplo, com vendedor da matéria-prima, com os próprios comerciantes que comercializam seu produto não só no CEPRAMA, mas também em outros locais, como feiras, eventos, no interior e fora do estado.

A rede externa, no caso específico, configura-se como uma rede de relação institucional. O que pôde ser percebido durante as visitas e entrevistas em campo, ressaltando que no caso da comercialização do CEPRAMA, os artesãos e seus grupos seguem algumas normas institucionais estabelecidas pelo próprio CEPRAMA, que recebe o pagamento de uma taxa por pela utilização do box.

Também é importante ressaltar acerca do cadastro e da obtenção da carteira. Apesar dos benefícios, o trabalhador ainda carece com a informalidade. Na Coordenação Estadual do Artesanato - CEPRAMA, já foram feitas outros cadastros/carteiras, antes que não resultaram em nada. A emissão da carteira, por exemplo, não tira o artesão da informalidade, pois, de certa forma, seu trabalho fica à mercê de um comércio informal, dependendo ainda de comerciantes (atravessadores). Mas, em contrapartida, é também exigência, pois atualmente é necessário o número de registro do artesão para circulação de mercadorias.

Ao analisar o Grupo Artesanal Mulheres de Fibra, na Vila Sarney, Bairro Maracanã, é possível entender a geografia espacial e como funciona o comércio, a produção e a distribuição dos seus produtos, que se estendem das feiras até o interior do Estado.

No Grupo Artesanal Mulheres de Fibra, as artesãs participam de quase todo processo de produção, exceto a extração da fibra (linho) e a comercialização, pois os produtos são comercializados em Alcântara e em São Luís, principalmente durante a realização de feiras. Durante o ano da pesquisa, encontramos o grupo comercializando, por exemplo, no CEPRAMA em setembro de 2012, durante a 1<sup>o</sup> Mostra Cultura Ativa, revelando que as artesãs produzem e faturam mais em eventos.

Neste caso sendo os principais agentes de interferência, o turismo (mercado) e o design, É importante, ressaltar também as dificuldades encontradas pelo grupo que vão desde a aquisição da matéria-prima até a comercialização do produto. Que são as redes de

comercialização que compreende o mercado (local) (São Luís) e o interior do estado (Alcântara).

Ao analisar o caso específico dos artesãos e grupos de produção artesanal que comercializam no CEPRAMA, foi possível identificar não só a diversidade no seu trabalho mais também a dinâmica de comercialização, pois foi possível perceber que a maior parte deles comercializam também em outros momentos e locais. O advento do cadastro e a obtenção da carteira nacional do artesão é um fator importante principalmente também no que diz respeito à comercialização fora do estado.

Os dados e resultados adquiridos na pesquisa são importantes para se perceber o papel fundamental de cada ator participante da rede de produção artesanal, sendo o papel da artesã fundamental no processo, por ser a responsável por toda a produção e pelas atividades de gestão da comercialização.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o desenvolvimento da pesquisa, algumas questões foram levantadas: Como se configuram as relações mercantis dos grupos de produção artesanal? Quem controla ou coordena as relações comerciais nessa cadeia? Onde utilizei como campo (*locus* da pesquisa) o grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra e os grupos de produção que comercializam no CEPRAMA.

Os estudos bibliográficos e a revisão crítica da literatura trataram dos temas da análise de redes sociais, da abordagem da cadeia da mercadoria, da cadeia produtiva e cadeia de valor, sendo fundamentais para analisar o grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra e os grupos de produção artesanal que comercializam no CEPRAMA, principalmente o conceito de mercadoria que ajudou a pensar como se estabelecem as redes articuladas na cadeia do artesanato. No caso do CEPRAMA, os artesãos que comercializam naquele local estabeleceram uma rede de relações muito ampla, que permite a circulação de suas mercadorias fora do Estado do Maranhão.

Desta forma, podemos constatar que as artesãs associadas se encontram na lógica da cadeia produtiva, e também estão inseridas e ligadas às diversas agentes (atores) conectados a esta cadeia, formando assim uma rede ou arranjo produtivo local (relações entre as artesãs e o comércio informal que vende a fibra do buriti); (relação entre o turismo e o design) e

instituições, que são parcerias e apoios de empresas como SEBRAE e IDAM, destacando também a relação e a interferência.

No que diz respeito aos estudos bibliográficos, também podemos aproveitar bastante as leituras para entender como funciona a cadeia produtiva do artesanato. Em nosso estudo de caso - Grupo Mulheres de Fibra - as artesãs obtêm a matéria prima comprando a fibra (borra) de outro grupo de produção do próprio Maracanã, e, em seguida, produzem, em sua sede, de forma coletiva com consultoria de *designer* financiado pelo SEBRAE. A gestão da comercialização é feita pela Associação com apoio de diversos órgãos de fomento. Elas comercializam os produtos em

Estes aspectos e outros foram essenciais para perceber a dimensão que envolve o trabalho artesão, em sua produção, e para entender a dinâmica da produção e da comercialização dos artesãos e dos grupos artesanais, que, com a implantação da carteira nacional do artesão, foi possível comercializar seus produtos em outros locais.

Assim, é importante ressaltar a dinâmica e a lógica da produção nos dois casos analisados e a rede de relações estabelecidas por ambos. No caso do grupo Mulheres de Fibra, funciona como uma rede de produção local, que se caracteriza no contexto da comunidade, em uma zona de perímetro urbano, distante do centro da cidade. A obtenção da sua matéria-prima é feita no local com outro grupo de produção, sendo a matéria prima principal a fibra de buriti.

Outro aspecto importante é a presença quase exclusiva de mulheres na produção, passando pela informalidade. Destaca-se a presença do *design* como elemento predominante, atuando em todo processo de produção, e a atuação direta de ONGs, como a Visão Mundial, que participou do início da formação da associação, o SEBRAE e o IDAM.

Nos grupos que comercializam no CEPRAMA, a lógica de produção e de comercialização se caracteriza como uma rede de relações de comercialização, uma vez que o CEPRAMA se configura como um local de comercialização, apesar de alguns artesãos conseguirem produzir no próprio local da venda. A venda é feita em sua maior parte para turistas. No CEPRAMA, estão estabelecidos nos diversos boxes: artesãos individuais, núcleos de produção familiar e grupos de produção, onde a matéria prima é diversa e bastante ampla.

O CEPRAMA se localiza no Centro de São Luís, na zona urbana, diferentemente do grupo Mulheres de Fibra, onde a venda dos produtos é feita diretamente para os turistas, que é o público local, não necessitando de comerciantes, conhecido como atravessadores, porém, mesmo com presença deles, há o domínio dos artesãos na venda.

Há o certo apoio do próprio CEPRAMA na divulgação do trabalho artesanal, facilitando as vendas locais. Tanto o grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra quanto os demais grupos que atuam no CEPRAMA sofrem com momentos de alta e baixa no consumo, que está associada ao fluxo do turismo, gerando assim a oscilação (sazonalidade) no comércio e na renda dos artesãos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. R. de P.; RAMALHO, J.R. Para além do processo de trabalho: uma agenda de pesquisa para o polo automotivo do Rio de Janeiro. In: GITAHY, Leda; LEITE, M. de P. (orgs). **Novas Tramas Produtivas: Uma discussão teórico-metodológica**. São Paulo: SENAC, 2005.p. 105-119.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Intr., org., sel. e trad. Sergio Miceli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRASIL, Lei nº 13.180, de 22 de Outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, Página 2, 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13180-22-outubro-2015-781829-norma-pl.html>> Acesso em: 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.792, de 28 de Março de 2013. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, criando a Secretaria da Micro e Pequena Empresa. Diário Oficial da União, Seção 1, Página 1, 2003. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2013/lei-12792-28-marco-2013-775597-norma-pl.html>> Acesso em: XXX.

CANCLINI, Néstor G. **As Culturas Populares no Capitalismo**. Trad. Cláudio N. P. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. **Cultura híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa P. Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CATTANI, Antonio David; Holzmann, Lorena (orgs.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2006.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO - UNCTAD. **Creative Economy Report** 2008. Geneva, Switzerland: United Nations / UNCTAD/UNDP, 2008. Disponível em: <[http://unctad.org/en/Docs/ditc20082cer\\_en.pdf](http://unctad.org/en/Docs/ditc20082cer_en.pdf)> Acesso em: 20 abr. 2016.

FLEURY, Afonso Carlos C.; FLEURY, Maria Tereza L. Em busca de metodologias para o estudo de cadeias de valor. In: GITAHY, Leda; LEITE, Marcia. de Paula (org.). **Novas Tramas Produtivas: Uma discussão teórico-metodológica**. São Paulo: SENAC, 2005. p. 121-148.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GITAHY, Leda; LEITE, M. de P. (org) **Novas Tramas Produtivas: Uma discussão teórico-metodológica**. São Paulo: SENAC, 2005.p. 121-148.

GRANOVETTER, Mark. **Ação Econômica e Estrutura Social: O Problema da Imersão**. RAE-eletrônica, v.6, n. 1, Art. 5, p. jan/jun. 2007.

KELLER, Paulo. **Artesanato em debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima**. Revista Pós-Ciências Sociais. PPGCS/UFMA. v. 8, n.15, p.187-209, São Luís: EDFMA, 2011

\_\_\_\_\_. Cadeia de Valor (verbetes). In: CATTANI, A.D; HOLZMANN, L. (org) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre, RS: ZOUK, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Artesão e a Economia do Artesanato na Sociedade Contemporânea**. Revista Política & Trabalho, UFBB, n.41, p. 323-347, 2014.

\_\_\_\_\_. **Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios**. Revista Sociedade & Cultura. UFG, v.14, n.1, p. 29-40, 2011.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais: Perfil dos Municípios Brasileiros**, Rio de Janeiro, 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA / MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - IPEA/MDIC. **Distribuição Espacial da Atividade Artesanal segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais MUNIC/2009 do IBGE**. Trabalho elaborado no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica IPEA/IBGE. Brasília: IPEA, 2012. Disponível em: <[http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl\\_1338578535.pdf](http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1338578535.pdf)>. Acesso em: XXX

LIMA, Ricardo. Gomes. **Artesanato: Cinco pontos para discussão**. Brasília: Ministério da Cultura- Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2005.

\_\_\_\_\_. **Artesanato em debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima**. Revista Pós-Ciências Sociais, v. 8, n. 15, p. jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/593>>. Acesso em: XXX.

MARX, Karl. **O Capital - Crítica da Economia Política**. Livro 1 – O Processo de Produção do Capital, vol.1-2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MILLS, Wright. O ideal do artesanato. In: **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. **Programa do Artesanato Brasileiro**. Brasília: MDIC-SDP, 2012. Disponível em: <[http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl\\_1347644592.pdf](http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf)> Acesso em: 15 maio 2016.

NORONHA, Raquel Gomes. **Identidade é valor: as cadeias produtivas do artesanato em Alcântara**. São Luís: EDUFMA, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA -UNESCO. International Symposium on “Crafts and The International Market: Trade and the custos codification”. Manilla, Philippines, 6-8 October 1997. (CLT/CONF 604/2). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001114/111486eo.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

PORTA, Paula. **Economia da Cultura: um setor estratégico para o País**. Brasília: Ministério da Cultura / Prodec, 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10883/38605/texto-sobre-o-prodecporta.pdf/5a9047a0-2f5f-4059-aeb3-c8859188f4ff?version=1.0>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

POWELL, Walter W; SMITH-DOERR, Laurell Smith. Networks and Economic Life. In: SMELSER, Neil J.; SWEDBERG, Richard; GRANOVETTER, Mark (eds). **The Handbook of Economic Sociology**. Second ed. Princeton e Oxford: Princeton University Press; New York: Russell Sage Foundation, 2005.

SCRASE, Timothy J. Precarious production: globalization and artisan labor in the third world. **Third World Quaterly**, v. 24, n. 3, p. 449-461, 2003.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE. **Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro**. Brasília: Sebrae Nacional, 2008.

\_\_\_\_\_. **Artesanato de São Luís, São José de Ribamar, Alcântara e Raposa**. São Luís - MA: SEBRAE/ MA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Programa SEBRAE de Artesanato – Termo de Referência**. Brasília: Sebrae Nacional, 2004.

UNCTAD. **Creative Economy Report 2008**. Geneva, Switzerland: UNCTAD/UNDP, 2008.

UNIDO. **Creative Industries and Micro & Small Scale Enterprise Development – A Contribution to Poverty Alleviation**. Vienna, Austria: UNIDO, 2002.

---

**Foto da capa:** (foto principal) [http://www.balaiodenoticias.com.br/artigos-e-noticias-ler.php?codNoticia=66&codSecao=12&q=Tecendo+a+vida;Jogo+Americano+\(fibra+de+buriti\)](http://www.balaiodenoticias.com.br/artigos-e-noticias-ler.php?codNoticia=66&codSecao=12&q=Tecendo+a+vida;Jogo+Americano+(fibra+de+buriti))

Demais fotos: (fotos na lateral direita) Produtos artesanais comercializados no CEPRAMA. De cima para baixo: toalha de renda de bilro, colar de biojóias, imã de azulejo, quadro em madeira, vaso em barro e arte em telha (fotos: Juliana Costa, 2016)



## ANEXOS

**Figura 1-** Roteiro básico para entrevista com artesãos/artesãs.

### ROTEIRO BÁSICO PARA ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO

#### 01. Dados pessoais e de identificação.

- Nome:
- Local de Nascimento:
- Data de Nascimento:
- Local de Residência:
- Sexo:
- Estado Civil:
- Posição na Família (Cônjuge – Chefe de Família – Filho – etc.):
- Escolaridade:
- Possui dependentes econômicos?

#### 02. Perfil.

- Desde quando é artesão?
- Status da Atividade: Principal? Secundária? Sazonal?
- Principal causa pela qual entrou na atividade artesanal? Como aprendeu o ofício?
- Tem vínculo institucional com Cooperativa ou Associação?
- Principais dificuldades que enfrenta na atividade do artesanato?

#### 03. Informações Sociais e Econômicas.

-Já participou de atividades de capacitação? Se sim: Quais? Especificar-tipo/quando/entidade promotora/local?

-> Relação Artesão-Designer: Como o artesão avalia a relação entre ele o designer? Como ocorre o trabalho conjunto do artesão e do designer na produção do artesanato? Vantagens? O que se troca nesta relação?

-Já participou de Feiras e Exposições? Se sim: Quais? Especificar-tipo/quando/entidade promotora/local?

- Local de Produção? Na residência ou na Cooperativa ou outro local?
- Quais as vantagens e desvantagens do Trabalho em Domicílio?
- Sistema de Trabalho? Cooperado/Associado/Individual/Familiar/Parceria?

-Qual o motivo ou interesse em atuar de forma associada ou cooperada? Quais as vantagens de ser um artesão cooperado – ou quais as vantagens de ser um artesão/trabalhador cooperado ou associado? O que pensa da solidariedade nas relações internas da cooperativa e nas relações com outras cooperativas e associações?

-Tempo de Trabalho: Número de horas diárias ou semanais dedicadas à produção artesanal ou atividades na cooperativa?

-É possível definir uma renda média mensal obtida com o trabalho artesanal?

-Esta renda contribui para a economia da família? De que forma?

-Contribui para a Previdência Social – INSS?

-Dados da Comercialização: Onde/como/de quem adquire a matéria prima? Quem são os principais compradores? Vende no atacado ou no varejo?

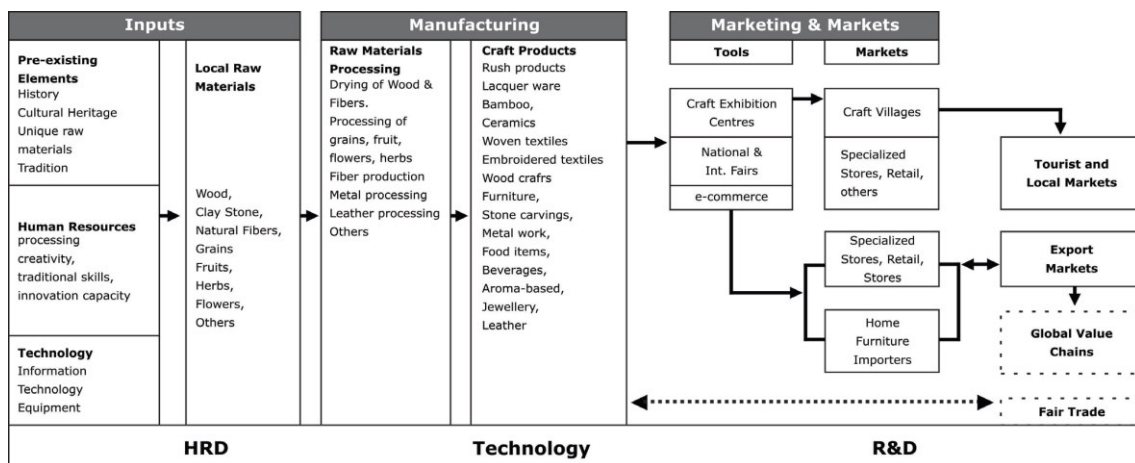
-Tipo de Venda: Encomenda – Atacado? Direto ao consumidor – Varejo?

-Qual o destino final da produção? Mercado Local/Estadual/Nacional/Internacional?

-Dados da Produção: Tipo de produto? Principal Matéria-prima? Técnica de Produção? Média de Produção Mensal – Número de Peças?

-Principais órgãos ou agências de fomento que apoiam o trabalho artesanal do grupo?

**Figura 2** -Cadeia de valor do artesanato(The Crafts Value Chain)



Fonte: UNIDO (2002, P.25).

**Figura 3-** Centro de Produção Artesanal Mulheres de Fibra, Bairro Maracanã, São Luís - MA.



Fonte: Paulo Keller, 2012

**Figura 4 -** Produtos Artesanais a base de fibra de buriti produzidos na Associação Mulheres de Fibra.



Fonte: Juliana Costa 2012

**Figura 5** – Iranilde Martins, artesã associada ao Grupo Mulheres de Fibra.



Fonte: Paulo Keller 2012

**Figura 6** - Fachada do Centro de Comercialização de Produtos Artesanais no Maranhão (CEPRAMA).



Fonte: Juliana Costa 2014.

**Figura 7** - Box da artesã Teresinha Almeida, Matéria-prima: fibra de buriti



Fonte: Juliana Costa 2014

**Figura 8** - Box da artesã Lucia Franco, Matéria-prima: sementes



Fonte: Juliana Costa 2014

